

Augusto Massi

editor chefe da editora Cosac Naify

Maria Augusta da Costa Vieira

CARACOL: *Desde quando a editora Cosac Naify traduz literatura em língua espanhola?*

AUGUSTO MASSI: Criada em 1997, a Cosac Naify é uma casa editorial relativamente nova. Desde o início, esteve mais vinculada às artes plásticas do que à literatura. Quando fui convidado a colaborar com a editora, nos últimos meses de 2001, uma das idéias de seu fundador, Charles Cosac, era que eu realizasse uma abertura para outras áreas, entre elas, literatura. Se não me equivoco, as primeiras obras em língua espanhola foram *Sete pragas depois* (2003), antologia do poeta peruano, Antonio Cisneros; *O gueto* (2003), poemas da argentina Tamara Kameszain e o romance, *A viagem vertical* (2004), do catalão Enrique Vila-Matas.

C: *Existe uma política geral da editora em relação à escolha de títulos de literatura em língua espanhola?*

AM: Pouco a pouco procurei estabelecer uma linha editorial mais voltada para escritores em língua espanhola e, principalmente, da América Latina. O primeiro passo foi convidar o crítico Davi Arrigucci Jr. para coordenar uma coleção de ficção e ensaios latino-americanos. Idealizada em 2004, levamos dois anos para lançar os primeiros títulos da coleção *Prosa do Observatório: A invenção de Morel*, de Adolfo Bioy Casares (com tradução de Samuel Titan Jr, prólogo de Jorge Luis Borges e posfácio de Otto Maria Carpeaux) e *O cavalo perdido e outras histórias*, de Felisberto Hernández (prólogo de Julio Cortázar, tradução e posfácio de Davi Arrigucci Jr.). Além das questões da compra dos direitos e polimento das traduções, para nós era fundamental definir um projeto gráfico afinado com o conceito editorial da coleção. Em outras palavras, queríamos capas bem gráficas, ancoradas em fontes modernas, evitando toda ordem de estereótipos associados à América Latina.

Outra questão importante: queríamos abrir a coleção com os contos

completos do Felisberto Hernández. Comecei as negociações em 2001. Todos os anos eu enviava umas três cartas na esperança de convencer as herdeiras. A agente literária Carmen Balcells chegou a recomendar que desistíssemos. Mas, como era um escritor do coração, insisti e finalmente obtive um sinal positivo. Ele é um nome fundamental, define uma escolha, uma perspectiva particular, um olhar atento sobre a produção que nos interessa publicar. Radicalizando: ele cria um leitor novo.

O argumento é extensivo a *Só para fumantes* (2007), de Julio Ramón Ribeyro (tradução e posfácio de Laura J. Hosiasson e prólogo de Alfredo Bryce Echenique), outro escritor raro e especial. Deste ponto de vista, penso que a Cosac Naify vem estimulando a publicação de autores menos conhecidos e mais radicais. No passado, o critério editorial era pautado por uma literatura engajada, caso da Civilização Brasileira, Paz & Terra e Brasiliense. A Iluminuras perseguiu uma vertente mais literária, fez um trabalho de longo prazo, com coerência e continuidade, ainda que mais focado na ficção argentina. Hoje, a Companhia das Letras e a Globo também estão desenvolvendo um bom trabalho.

É preciso destacar que a coleção Prosa do Observatório tem como objetivo criar um diálogo cultural mais poroso, aberto e sempre de mão dupla. Por exemplo, a edição de *Balmaceda* (2008) de Joaquim Nabuco (introdução e notas de José Almino), além de recolocar em circulação um texto fundamental sobre a história política do Chile vista por um intelectual brasileiro, também traz um prólogo inédito, escrito pelo escritor chileno Jorge Edwards.

Por fim, quero dizer que os próximos lançamentos definirão melhor o contorno conceitual da coleção. Livros como *Memórias de cocina y bodega*, de Alfonso Reyes, *Facundo* de Domingo F. Sarmiento e *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*, de Beatriz Sarlo, mesclam e ampliam de modo significativo o campo de interesses da coleção.

C: *Quais os critérios adotados para a escolha dos tradutores?*

AM: Nossa postura é de atuar em duas frentes. A primeira delas é reunir tradutores que já comprovaram, através de outros trabalhos, estarem afinados ou terem conhecimento profundo do autor a ser traduzido. Esse foi o caso, entre outros, de Samuel Titan Jr, Laura J. Hosiasson, José Geraldo Couto e Josely Vianna Baptista. A segunda, sempre que possível, é formar novos tradutores. Porém, nos dois casos, é fundamental que o editor comente e discuta tanto as soluções como os problemas com o tradutor.

C: *Qual a proporção de títulos de literatura em espanhol com relação às demais obras traduzidas?*

AM: Talvez, uns 30%. Mas, a tendência é aumentar, pois acreditamos numa política de autor e nos interessa bastante publicar o conjunto da obra de determinados escritores. É o caso de Adolfo Bioy Casares, Felisberto Hernández, María Luisa Bombal, Alan Pauls etc. O mesmo vale para a linha infantil, onde poremos dois livros de Pablo Neruda, *Livro das perguntas*, traduzido por Ferreira Gullar e *Ode a uma estrela*, traduzido por Carlito Azevedo.

C: *Qual seria então a proporção entre títulos traduzidos de autores hispano-americanos e espanhóis? Isso tem se alterado nos últimos anos?*

AM: Por política cultural, nossa tendência é ampliar o número de autores hispano-americanos. Mas, contamos com um fato novo e bastante positivo: o crescente auxílio à tradução promovido pelos governos da Espanha, da Argentina e do México. Com este aporte financeiro, além de remunerar melhor o tradutor, conseguimos baixar o preço final do livro.

C: *Essas obras vendem bem? Seria possível traçar um perfil do público leitor desses títulos?*

AM: Essa é uma questão que, a princípio, determina nossa linha editorial. Ao publicar um escritor jovem ou desconhecido, estamos cientes do risco comercial que corremos. Mas, por outro lado, um dos objetivos da editora é

formar novos leitores, criar um espaço de debate, estabelecer um diálogo com outras culturas.

Dito isso, posso afirmar que vendemos bem. Alguns livros, por exemplo, *Histórias fantásticas* (2006), de Adolfo Bioy Casares, já teve três reimpressões. *O passado* (2007) de Alan Pauls, vendeu mais de 15 mil exemplares e figurou nas listas de mais vendidos. O perfil do leitor que compra tais livros é constituído por três tipos: o leitor culto, na faixa entre 30 e 60 anos, que sempre gostou de ler boa literatura, o leitor dito universitário e o que está sendo iniciado, introduzido, formado. Posso afirmar que estes três são responsáveis pela tiragem média da nossa editora: de 3.000 a 5.000 exemplares. As edições, no geral, se esgotam no intervalo de um a dois anos. Mas, para que isso aconteça, é preciso fornecer ao leitor uma série de informações que facilitem o acesso ao universo do escritor. Por isso, nossas edições trazem sempre posfácios, bibliografia completa, sugestões de leituras, fotos do autor, notas etc.

C: *Qual o papel das feiras de livros internacionais, como a de Frankfurt, por exemplo? Nesse sentido, a Flip cumpre um papel específico?*

AM: Nunca fui a Frankfurt. Mas, nosso diretor editorial, Cassiano Elek Machado está indo pelo segundo ano consecutivo. De certa forma, a Cosac Naify vem construindo o seu catálogo com obras clássicas e modernas, que não figuram como lançamentos e não exigem que participemos de leilões, disputas etc. Graças a essa política temos conseguido desfrutar de algum prestígio junto às editoras e aos agentes literários. Eu, por exemplo, prefiro ir a Buenos Aires, participar de um encontro promovido pela Fundação ТУРА. Ali pude travar contato com uma série de escritores argentinos, visitar as principais editoras e ainda conversar com alguns críticos.

Com relação à Flip, penso que a situação é diferente. O que está em jogo não é fazer negócios. Ali o escritor tem a chance de expor o seu

projeto literário para um público formador de opinião, dialogar com outros escritores e discutir com a crítica. Para dar um exemplo, numa das Flips tive a oportunidade de conhecer o escritor Rodrigo Fresán, Seis meses depois ele escreveu um posfácio exclusivo para a nossa edição de *O sonhos dos heróis* (2008), do Bioy Casares.

C: *Qual o papel das feiras de livros internacionais, como a de Frankfurt, por exemplo? Nesse sentido, a Flip cumpre um papel específico?*

AM: No universo do livro didático ou paradidático o peso é enorme. As grandes editoras vinculadas à Espanha, caso da SM, Santilhana, Planeta etc., assim como as francesas, entre outras, a Larousse, são grupos importantes e entraram no Brasil visando, principalmente, as compras feitas pelo governo federal, com o objetivo de abastecer e atualizar as escolas e as bibliotecas públicas. Existem alguns planos como o PNBE que, desde o governo Fernando Henrique Cardoso (e com verbas previstas para até 2012), colocaram o país numa situação curiosa: o governo brasileiro está entre os maiores compradores de livro do mundo. No entanto, na outra ponta, não há uma política educacional clara e definida para diminuir o índice de analfabetismo, atualizar e reciclar o professor e ampliar a rede pública de ensino.

Se por um lado, as compras inicialmente foram bem organizadas, com o passar do tempo, já é possível ver algumas distorções sérias. Em outras palavras: não adianta comprar e simplesmente doar livros. É preciso uma política para implementar programas de leitura, formar quadros de bibliotecários e incentivar a carreira do professor.